

20 DE SETEMBRO DE 2007

Diário de Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 27855 de 20 de Setembro de 2007, do jornal Diário de Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



IGREJA
DE
CURVOS
Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Depois da Matriz de Esposende, o suplemento "Património", aborda hoje a igreja de Curvos. Trata-se de um templo com traços relativamente recentes, mas cuja história está ancorada nos primeiros anos da nacionalidade.

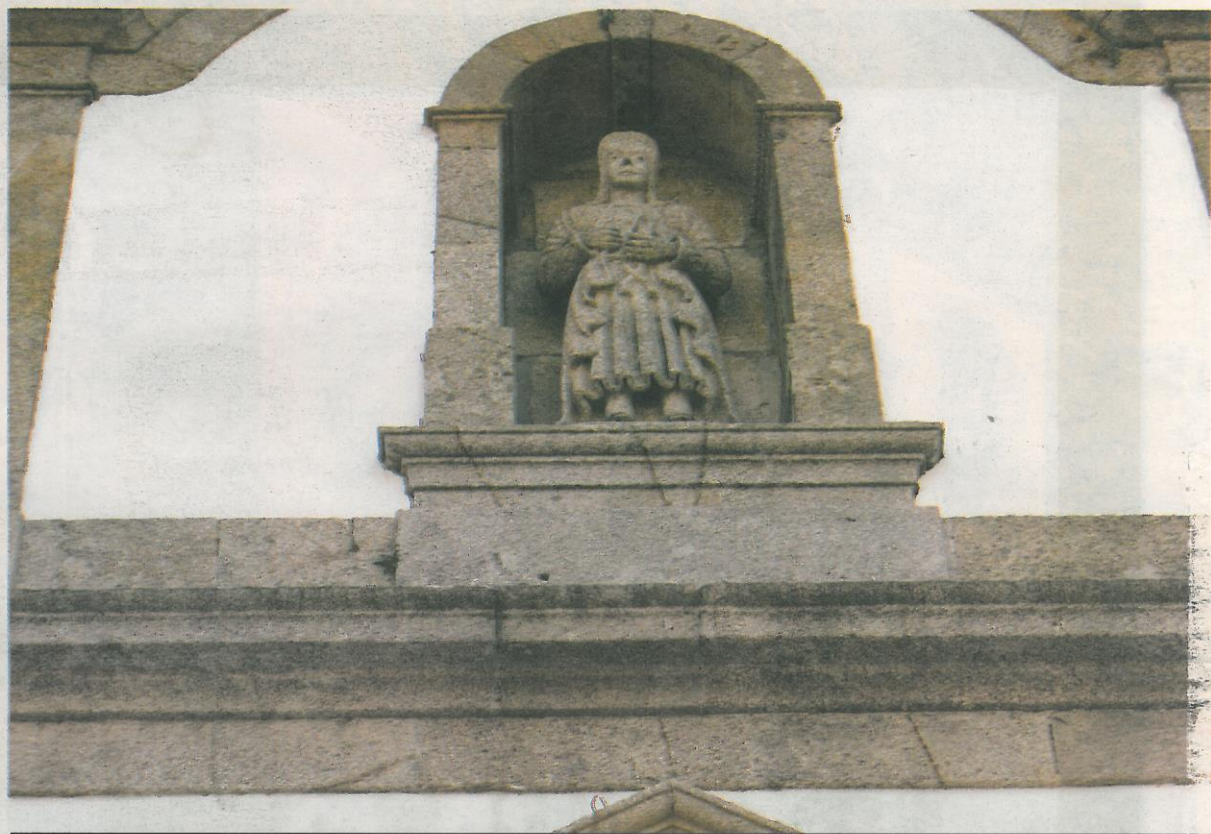
A palavra "curvos" é, etimologicamente proveniente do termo curvatura, para designar a topografia acidentada da localidade. Apesar da sua pequenez, não foi esquecida nos mais antigos e importantes documentos históricos de Portugal, que são as inquirições afonsinas de 1220, D. Afonso II; e 1258, de D. Afonso III.

O lugar de curvos, também chegou a ser uma "prenda" do rei D. Fernando a Gonçalves Velho, no século XIV, como escreve Albino Penteadó Neiva.

Em termos religiosos, que é o que está em análise nesta edição, pelos dados existentes, tudo indica que a freguesia teve uma pequena igreja, provavelmente românica. No entanto, os dados mais concretos são de um templo do século XVIII, numa descrição das "Memórias Paroquiais de 1758". Uma igreja que terá sido completamente remodelada em 1874, adquirindo um estilo neoclássico, particularmente no interior. Recentemente, em 1994, o padre Patrão, actual pároco, fez uma grande intervenção na igreja, ampliando-a significativamente e valorizando-a. O principal património é o ser humano. Por isso, também damos atenção ao trabalho social.

Por analogia com outras situações ocorridas no distrito de Braga, pode pensar-se que a freguesia de Curvos deverá ter tido, muito provavelmente, uma igreja de estilo arquitectónico românico. Pela antiguidade desta paróquia, atestada pelos documentos do século XIII, tudo indica que o actual templo não foi o primeiro a ser construído, tendo existido um anterior que, por razões desconhecidas, terá sido destruído, não chegando até aos nossos dias. Silvestre Matos da Costa, no estudo intitulado "Curvos Notas para

Primeira igreja de Curvos deverá ter sido românica



> Em 1220, S. Cláudio é já referido como o padroeiro da paróquia de Curvos

uma Monografia", inserido no livro "Curvos - Esposende Esboço para a sua história", de Armino Patrão de Abreu, sustenta que o mais antigo documento histórico até hoje confirmado sobre esta localidade são as Inquirições de 1220.

Segundo explica, «em 1220, menos de um século após a independência de Portugal, e quando se lutava ainda contra os mouros em terras do Sul, o rei D. Afonso II mandou fazer Inquirições, paróquia a paróquia, especialmente a Norte do rio Douro, para levantamento do património da coroa e controlo de eventuais irregularidades por parte da nobreza em esbulho de propriedades, incumprimento de foros ou abusos de autoridade».

«A freguesia de Curvos vem referenciada neste inquérito já com a sua actual designação, ou seja "De Sancto Croio de Curvos" na "Terra de Neiva"», acrescenta o investigador, o que nos pode levar a pensar que já existiria nesta data um templo muito provavelmente românico.

Silvestre Matos da Costa realça mesmo que, em 1220, «a paróquia de Curvos, conforme se depreende da análise dos textos das Inquirições, desempenhava um importante

papel no quadro da administração da Terra do Neiva», possuindo o rei nesta freguesia duas casas.

O investigador salienta ainda, nesta sua análise, que Curvos «possuía celeiros para a recolha de frutos relativos ao pagamento de impostos, parecendo ser Barcelos e Ginzo as suas outras únicas paróquias com celeiros da mesma natureza».

«Para além do núcleo administrativo dependente do castelo de Neiva, a influência do Rei ou da Coroa na paróquia de Curvos afirma-se através da grande dimensão das suas propriedades ou "reguengos" e do seu padroado sobre a igreja local, cuja fundação se admite ter sido igualmente de iniciativa régia», afirma Silvestre Matos da Costa.

Segundo explica, «no que se refere à igreja diz-se em 1220 que "Rex est inde patronus" e, em 1258, que "esta ecclesia e regaenga et sua quite d'el Rey"».

Primeiros párocos de Curvos

Nesta sua investigação, Silvestre Matos da Costa conseguiu também apurar os nomes daqueles que terão sido, muito provavelmente, os dois primeiros párocos de Curvos.

«Segundo consta nos depoimentos das Inquirições de D. Afonso II e D. Afonso III, em 1220 o abade de Curvos chamava-se Pedro Neto e, em 1258, o respectivo pároco tinha o nome de Domingos Domingues, com o título de capelão. Nada mais se conhece sobre estes dois clérigos», conta.

Interessante será também registar aqui as sucessivas doações de Curvos, cuja igreja, como já se viu, era do padroado real.

Assim, refere o investigador, «nas chancelarias do rei D. Fernando, existentes na Torre do Tombo, encontra-se o registo de uma carta, reportada a 28 de Julho de 1367, "por que o dito senhor mandou dar a Gonçalo Velho, em pagamento, a sua terra de Curvos, do almoxarifado de Ponte de Lima"».

Já em 1410, em carta datada de 4 de Setembro, «o rei D. João I doou ao conde de Barcelos, de uma forma genérica, e com direito de sucessão aos seus descendentes, o padroado das igrejas de diversos julgados, incluindo o de Neiva», relata Silvestre Matos da Costa, acrescentando que, desta forma, «os rendimentos da igreja de Curvos e a capacidade para apresentação dos respectivos

párocos passavam agora para o referido condado».

Mais tarde, em 1434, por provisão do Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, datada de 22 de Junho, e com consentimento do conde de Barcelos, «o padroado da igreja de Curvos, juntamente com a de Frágoso, foi anexado à igreja matriz de Barcelos», sendo este acto «um dos primeiros momentos no processo de instituição da Colegiada de Barcelos», sustenta Silvestre Matos da Costa.

«Em finais de 1442, o então 8.º conde de Barcelos foi elevado a 1.º duque de Bragança», resultando daqui «a integração, em termos de domínio directo, das propriedades reguengas de Curvos no património mais amplo da Casa de Bragança», acrescenta o investigador.

Por tudo isto, fácil será de concluir que a freguesia de Curvos, à semelhança de tantas outras no distrito, deverá ter tido a sua igreja românica. No entanto, ou por ser pequena e já não servir devidamente a paróquia, ou por estar em degradação, este templo deverá ter sido demolido para dar lugar a outro mais moderno, não chegando, por isso, até aos nossos dias.

Memórias Paroquiais

dão imagem da igreja no século XVIII

É hoje possível imaginar-se como seria a igreja de Curvos no século XVIII graças ao relato que o padre Gabriel Pinheiro nos deixou nas Memórias Paroquiais de 1758, transcritas por José Viriato Capela no livro "As Freguesias do Distrito de Braga nas Memórias Paroquiais de 1758 – A construção do imaginário minhoto setecentista".

O sacerdote, respondendo às perguntas do inquirido, refere que «o orago hé Santo Cláudio mártir, festejado a trinta de Outubro».

Segundo conta, a igreja «tem seis altares, a saber, o da capela maior, que hé de Santo Cláudio e conthem também as imagens de Santa Anna, de S. Miguel; e do Santo Christo, colateral da parte da Epistola, que também conthem as imagens da Senhora das Dores e de Santa Barbara; e da Senhora do Rosário collateral da parte do Evangelho, que também contém as imagens de Sam Francisco e Santo Domingos; e do Senhor em capelinha da parte Norte, em que está o tabernáculo do Santíssimo Sacramento; e da Senhora da Victoria, em o lado do Sul, em que também estão as imagens de Santo António e S. Sebastião e o das Almas em o lado do Norte, em que estão também as imagens da Senhora do Desterro e S. José».

«E tem pela parte do Norte huma nave em cujo fim em par da capela maior está dita capelinha do Senhor e no lado do corpo da nave o dito altar das Almas», acrescenta o padre Gabriel Pinheiro, dando-nos assim uma panorâmica de como era a igreja a 26 de Abril de 1758, data em que assina o texto.

Inês Martins de Faria, das leituras que fez no Livro das Visitas Pastorais e nos livros paroquiais, afirma no seu livro "A Igreja a Terra e os Homens – As visitas pastorais e outros achados em Curvos, Arcebispado de Braga" que, «no interior da igreja», no século XVIII, «havia colunas que sustentavam arcos, espaçadamente colocados, pelo que nos parece que teria, pelo menos duas naves, embora de tamanhos diferentes». «E não teria torre sineira. Esta só seria mandada construir em 1784 e iniciada em 1788. Em 1790, já a sua construção ia a meio, mas "bastante embaraçada", por desacordos entre o pároco e os paroquianos. Acabou por ficar construída, pois, a partir de 1792, deixam de se fazer acusações por falta da mesma», acrescenta. A investigadora realça, por outro lado, que «na igreja havia um púlpito, que se localizava a meio do corpo» do templo, «ao pé da porta travessa». Ao fundo, afirma, «estaria o coro e haveria uma escada de

acesso ao mesmo, por dentro da igreja, que se remodelou perto de 1775». Segundo defende, é ainda de crer que existiriam nichos e, pelo menos, dois confessionários.

Grandes obras de 1873

Ao longo do século XVIII foram várias as vezes que os Visitadores foram apontando a necessidade de obras na igreja de Curvos, algumas das quais foram cumpridas e outras arrastaram-se no tempo, ultrapassando os prazos impostos, mesmo sob a ameaça de multas.

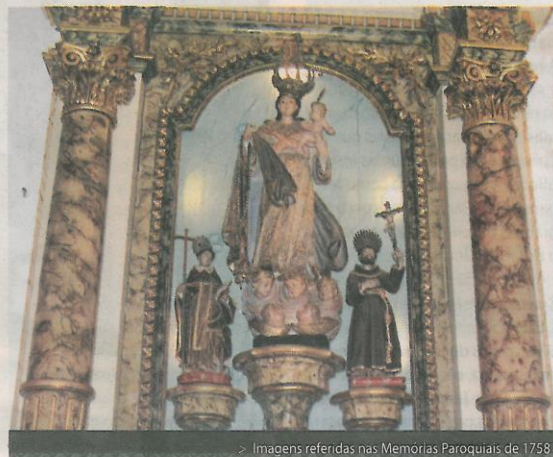
No entanto, é na primeira metade do século XIX que o templo sofre uma grande remodelação, ao ponto de no Livro de Usos e Costumes de S. Cláudio de Curvos se falar em reedificação. O texto, transcrito no livro de Inês Martins de Faria, refere o seguinte: «Reconheceu a Junta de Paróquia desta freguesia de S. Cláudio de Curvos que, não obstante achar-se o interior da velha igreja decente, contudo assim as paredes como o tecto ameaçavam perigosa ruína; e sendo por isso indispensável tratar de a evitar, deu-se princípio de obras em Janeiro de 1873, trabalhando-se nela incessantemente até ao dia 24 de Outubro de 1875, em que o povo desta freguesia viu acabados os seus trabalhos pela bênção solene da sua nova igreja e pela também solene trasladação do Santíssimo Sacramento, da Capela do Senhor do Alívio da Rateira, onde se instalou enquanto se fez a reedificação». Refira-se que a fachada principal do templo tem inscrito o ano de 1874, que deve ser referente a estas obras.

Por último, importante é de referir a descrição desta igreja feita em 1936 por Teotónio da Fonseca, no livro "Espozende e o seu Concelho". Segundo conta, o templo era «de arquitectura simples e modesta,

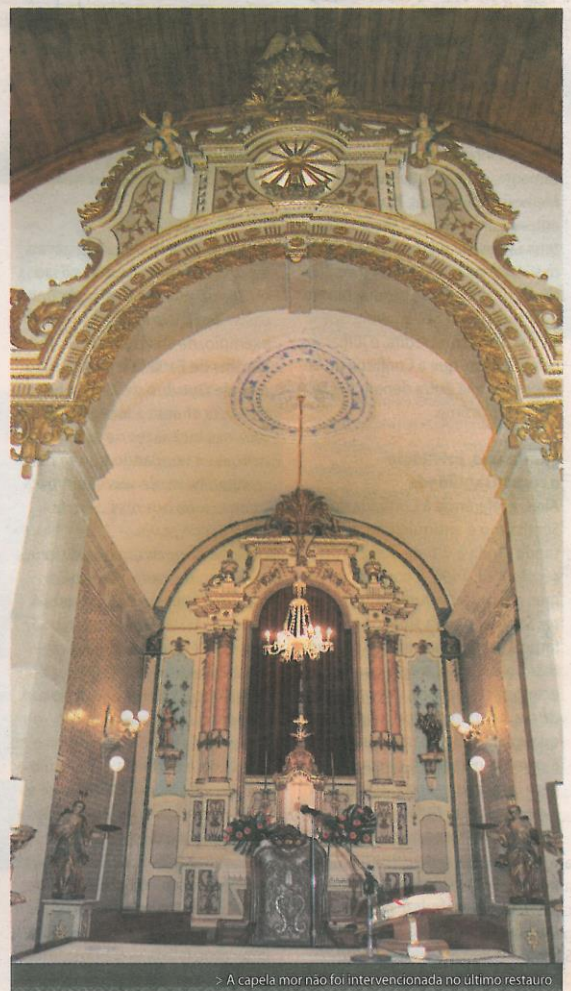


> O coro da igreja de Curvos

sendo «relativamente moderno». «Na verga ou padieira da janela aberta no frontispício tem a data de 1874 e por cima um nicho com a imagem do padroeiro em pedra, tendo na peanha desta a data de 1904», afirma. Teotónio da Fonseca conta ainda que, «dentro, a capela mor é forrada a estuque com altar em estilo moderno» e, «no fecho do arco cruzeiro tem gravada a data de 1895». «O tecto do corpo da igreja é em madeira pintada, tendo nos seus quatro cantos as imagens dos evangelistas e no centro a do padroeiro São Cláudio. Os seus quatro altares laterais são em estilo moderno e talha muito simples e o coro assenta em três arcos com respectivas colunas de pedra», conclui a descrição.



> Imagens referidas nas Memórias Paroquiais de 1758



> A capela mor não foi intervencionada no último restauro

CURVOS DEU ESMOLAS PARA VÁRIAS INSTITUIÇÕES, INCLUINDO HOSPITAL DE S. MARCOS

Confrarias mostram vivacidade da paróquia nos séculos XVII e XVIII

A pesar de ser uma paróquia relativamente pequena, é interessante verificar a quantidade de instituições existentes na comunidade paroquial de Curvos. As confrarias, pelo menos cinco, deram vivacidade à paróquia e à freguesia, especialmente entre os séculos XVII e XVIII.

O estudo das confrarias, suas vivências e funções estão escritas no livro "A Igreja, a Terra e os Homens – as visitas pastorais e outros achados em Curvos, Arcebispado de Braga", da autoria de Inês Martins de Faria. Esta natural de Curvos e membro do Núcleo de Estudos de População e Sociedade (NEPS) da Universidade do Minho, mostra que havia regras muito rigorosas que deveriam ser seguidas, sob pena de multas pesadas. Por inerência, o pároco era o responsável máximo de todas as confrarias, respondendo, por isso, perante a Câmara Eclesiástica de Braga. «Em 1728, as confrarias seriam condenadas em trinta reis, se não cumprissem estas normas e o pároco não lhes poderiam aceitar as contas».

Inês Martins de Faria cita como uma das fontes da sua investigação sobre as confrarias, o relato do padre Gabriel Pinheiro, em 1758, curiosamente, data em que saíram as Memórias Paroquiais. No entanto, a autora estranha que o sacerdote se tenha referido apenas a três confrarias, das Almas, do Senhor e do Sub-sino, principalmente porque faltava a do Santíssimo Sacramento, que já existia. Por isso, acredita, e julgamos nós que bem, que a Confraria do Senhor seja uma outra denominação da do Santíssimo.

Santíssimo, privilégio e responsabilidade

Aliás, a referência à Confraria do Santíssimo é antiquíssima, remontando ainda à última década do século XVII, 1690. E como já referimos em outras alturas, o facto de ter Santíssimo era sinal de alguma importância, uma vez que ter Santíssimo, à época, exigia condições económicas para o sustentar, além de ser também um privilégio para qualquer igreja ou capelania. E como privilégios e direitos também implicam responsabilidades e deveres, nem todos estavam à altura dessa responsabilidade. Daí a importância das visitas pastorais para, entre outros aspectos gerais do templo, conferir o estado em que se encontrava o Santíssimo. De facto, são inúmeras as visitas em que o Visitador era obrigado a



> Altar das Almas, tinha uma confraria muito forte



> Altar de Nossa Senhora do Rosário, muito antigo

ameaçar padres ou responsáveis da confraria, com multas pesadas ou até da retirada do Santíssimo caso não houvesse melhorias. Por exemplo, na sua publicação, Inês Martins de Faria fala da visitação de 6 de Outubro de 1761, onde o Visitador chama a atenção para as «toalhas incapazes de serem usadas», recomendando que se fizesse «uma nova, de seis varas, para a comunhão nos dias de maior afluência de povo».

Outras das irmandades tradicionais e com muitos devotos era a Confraria das Almas. Afinal, a morte é a única coisa a que ninguém pode "escapar". O temor ao Inferno fomentava a devoção das Almas do Purgatório. Quantos não deixaram grandes quantias para missas e outras orações? Em Curvos, a primeira referência à Confraria é do século XVI. Mais tarde, em 1777, fala-se sobre a necessidade de uma ara nova para o altar das Almas.

Por sua vez, a Confraria do Subsino, também designada por "Nome de Deus" ou de "Jesus" teve tradição em Curvos, como uma das mais fortes e influentes, falada ainda no primeiro quartel do século XVII, em 9 de Ja-

neiro de 1624, como se pode ver no livro "A igreja, a Terra e os Homens – As visitas pastorais e outros achados em Curvos, Arcebispado de Braga". Existiu também a Confraria de Nossa Senhora do Lago. Não se sabe se foi a mais antiga em Curvos, mas é a primeira documentada, entre 1596 e o início do século XVIII, segundo Inês de Faria. Uma palavra ainda para a Confraria de Nossa Senhora da Lapa.

Esmolas de Curvos para Braga e Jerusalém

Ainda ao ler a obra de Inês de Faria e sempre olhando os acontecimentos à luz do seu tempo, não deixamos de registar as esmolas que de Curvos saíram para algumas instituições tanto em Braga como até para a Terra Santa. Sem espaço para grandes descrições, diz-se apenas o nome de alguns dos beneficiados. Hospital de São Marcos, em Braga, Convento de Nossa Senhora da Conceição, onde em 1763, estavam 57 «esposas de Deus» que, vivendo em clausura, não podia sair para pedir esmolas. Também houve pedido de esmolas para a defesa e conservação da Terra Santa, Jerusalém.



> Imagem de Nossa Senhora, século XVII

TEMPLO SUJEITO A UMA GRANDE INTERVENÇÃO, EM 1994

Igreja paroquial de Curvos ganhou duas naves e uma nova torre sineira

No início dos anos 90 do século XX, a igreja paroquial de Curvos, dedicada a São Cláudio, era uma igreja que, além de pequena, insuficiente para o número de fiéis da freguesia, já não correspondia às exigências do Concílio Vaticano II. Daí que a chegada de um novo pároco, o padre Armindo Patrão de Abreu, revelou-se importante para a dinamização e empolgamento da paróquia para uma igreja com outra dimensão e sobretudo mais atractiva.

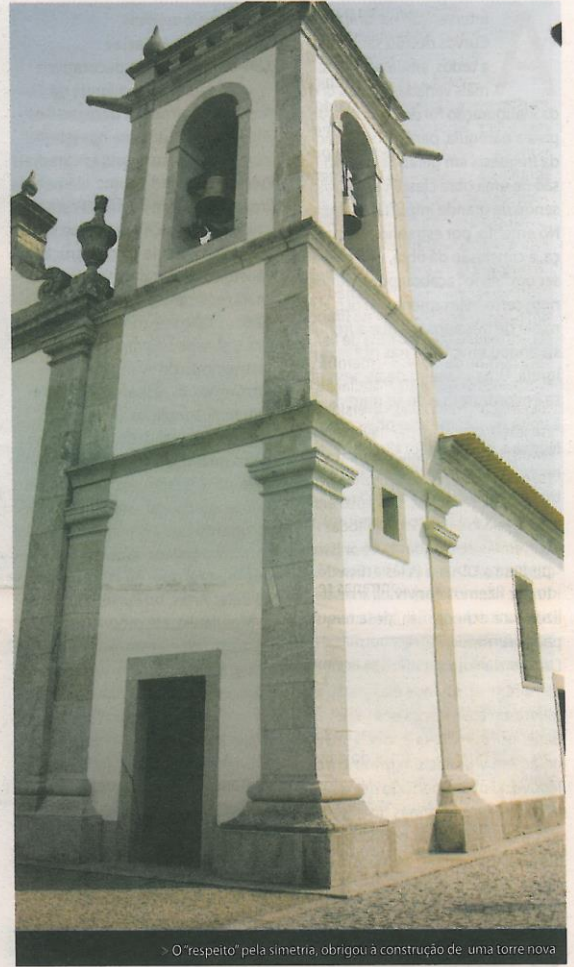
«Quando cheguei, logo na tomada de posse, senti que era necessário fazer obras e lancei o repto aos paroquianos no sentido de uma intervenção de grande monta. Encontrei uma igreja triste, diminuta para a freguesia e que não tinha as condições mínimas para a celebração. Não tinha possibilidades de ter bancos, as pessoas estavam de pé, tornando as celebrações bastante cansativas. Era uma igreja sem luz, não tinha adornos, para além dos quatro altares, que também sofreram melhoramentos. Em resumo, era uma igreja que não satisfazia e que não atraía nem cumpria minimamente as exigências do Concílio Vaticano II», descreveu o padre Patrão.

Assim, perante o estado do templo, foi fácil convencer a população de Curvos sobre a necessidade de obras. «Peguei-lhes fogo. Parece que estavam à espera deste repto e um ano depois de eu cá estar já estávamos a começar com obras. Houve pessoas que choraram, porque viram a igreja no fundo e nunca mais era levantada. Mas passados 18 meses era inaugurada», contou o padre.

Antes de se iniciar as obras, gerou-se uma grande movimentação para angariação de fundos para a intervenção. Foi necessária uma grande ginástica e capacidade inventiva para conseguir arranjar os cerca de 200 mil euros, na moeda actual. Um dos trunfos foram os cortejos de oferendas em todos os lugares da freguesia e não só. Aliás, foi criada uma comissão de cortejos. Destaque para o cortejo interparoquial realizado no dia 8 de Dezembro 1990, no âmbito da "Campanha dos cinco mil contos". Foram abertas contas bancárias, realizou-se uma feira de artesanato e linhos, exposições, sorteios, entre outras acções. Aliás, é interessante pegar no livro do padre Patrão "Curvos - Esposende, Esboço para a sua História", onde estão especificadas as actividades e tudo o que aconteceu antes, durante e até ao dia da inauguração, no dia do padroeiro, 30 de Outubro de 1994.



As naves deram grandiosidade e comodidade à igreja



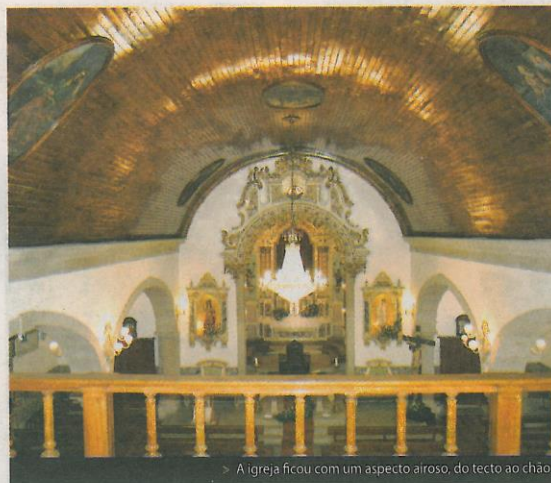
O "respeito" pela simetria, obrigou a construção de uma torre nova

Lotação do templo em dobro

Antigamente, a igreja tinha uma só nave e apenas uma torre sineira. O templo foi demolido quase na totalidade. Só ficaram o frontespício e a capela-mor. «A igreja foi ampliada, criámos mais duas naves, o que em termos de lotação, Curvos ficou com uma igreja com o dobro da capacidade».

Por uma questão de simetria, ao estilo do século XVIII, também foi construída uma nova torre sineira que, curiosamente, só agora, dia 12 de Julho de 2007, ficou completa, uma vez que recebeu um carrilhão com nove sinos. Uma oferta do padre Avelino, pároco das Marinhas, que é natural de Curvos.

O arquitecto escolhido foi o sobrinho do falecido padre Manuel Gonçalves. O técnico tornou exequível aquilo que o pároco pediu. «Desenvolvemos um projecto que eu tinha em mente e que, obviamente,



A igreja ficou com um aspecto airoso, do tecto ao chão

respondia às exigências da liturgia. Quase que aceitou por completo aquilo que eu lhe pedi», disse o

padre Patrão, habituado a obras em muitas outras paróquias da Arquidiocese de Braga.

As duas naves laterais proporcionaram quatro arcos quebrados, dois de cada lado, o que tornou a igreja muito atractiva. «Não há obstáculos que impeçam a visibilidade do altar. Para isso também contribuiu a decisão de aproximar o altar do povo, permitindo uma relação mais próxima entre o celebrante e os fiéis. É interessante e dá prazer celebrar aqui porque estamos todos muito juntinhos», precisou o sacerdote Armindo Patrão. Aliás, na sua obra supra citada, o pároco escreve: «a igreja de Curvos ficará para a posteridade, nesta freguesia como a obra do século. Totalmente remodelada e ampliada, oferece hoje ao seu utente ou visitante um aspecto deveras atraente, convidativo, acolhedor, recolhido». É de realçar a harmonia dos arcos, em posição ascendente a partir da porta principal até ao arco cruzeiro.

VITRAIS DA IGREJA DE CURVOS INVOCAM OS QUATRO ELEMENTOS

«Nunca fomos tão paróquia como nos três anos de obras»

A intervenção na igreja de Curvos deixou saudades a todos, ainda que pelas mais variadas razões. O dia da inauguração foi de grande festa para a paróquia, para a população da freguesia em geral, pela conclusão de uma obra classificada como sendo de grande importância local. No entanto, por estranho que pareça, a conclusão da obra, que podia ser um «alívio», acabou por redundar num certo «relaxamento». «Foi o culminar de três anos em que a freguesia andou envolvida nas obras da igreja. Uma maneira de as pessoas se encontrarem e de se unirem à volta de um mesmo objectivo. Nunca a paróquia foi tão paróquia no verdadeiro sentido como nos três anos de obras. Foram anos intensos, com muitos cortejos, várias iniciativas, os jovens que se uniram, tivemos a colaboração dos idosos, fizemos convívios e revitalizou-se a etnografia», descreveu o padre Armino Patrão.

De acordo com o sacerdote, passaram-se 13 anos e as pessoas recordam essa época com saudade, porque nessa época houve união em volta de um mesmo objectivo. «Foi um período em que se esqueceram pequenas divergências e questões políticas, os paroquianos deram as mãos numa causa comum, afirmou. Outro aspecto positivo das obras foi a intervenção nos arredores da igreja. De facto, construiu-se um parque de estacionamento, onde era um lamaçal com silvas e ratos, balneários, e uma capela mortuária que foi a primeira no concelho de Esposende.

No dia da inauguração, a paróquia recebeu a visita do Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, e do governador Civil de Braga, Ribeiro da Silva, que presenteou a paróquia com uma carrinha nova para o Centro Social e Paroquial. Uma oferta de grande simbolismo porque foi a primeira viatura da instituição.

Apesar da satisfação pelo «bom trabalho» que tinha sido feito, pelo prazer de ver a felicidade da população, o padre Patrão não se lembra de se ter emocionado tanto. Em primeiro porque não se «comove facilmente», em segundo lugar porque já fez muitas obras, nomeadamente em Bastuço e Sampaio de Merelim. «Procuo ser padre, mas também arquitecto», disse.

Quatro elementos e decoração interior

Um dos elementos decorativos que dá nas vistas na igreja de Curvos são os vitrais. A tradição dos vitrais é antiquíssima nas igrejas, conventos e nas grandes catedrais góticas, surgindo como elementos decorativos. Em Portugal esta arte chegou em força apenas no século XV, na sequência da construção do Mosteiro da Batalha. Os motivos mais recorrentes eram os grandes temas bíblicos e motivos eucarísticos, servindo-se também como instrumento de evangelização. Em Curvos, os responsáveis quiseram fugir à tradição, procurando alguma originalidade, optando-se pelos quatro elementos constitutivos da vida. «Em vez de anjinhos, santinhos ou elementos litúrgicos, recorremo-nos à originalidade. Falei com um vitralista daqui da zona, que era professor na Escola Superior de Belas Artes, no Porto, o arquitecto Mendanha, ele próprio sugeriu os quatro elementos da vida, isto é, Água, Fogo, Ar e Terra. Valeu a pena porque passou a ser objecto de um certo estudo e de interrogações por parte dos visitantes e mesmo dos naturais de Curvos. As pessoas perguntam e temos oportunidade de explicar», justificou.

Além dos vitrais nas janelas laterais que representam fogo, água, ar e terra, o vitral maior é dedicado ao padroeiro S. Cláudio. Como não podia deixar de ser, o tecto da igreja também foi intervencionado, forrado com madeira de boa qualidade e está decorado com os quatro evangelistas [Marcos, Mateus, Lucas e João] nos quatro cantos e no centro está, mais uma vez, o orago local, São Cláudio. A igreja tem quatro altares laterais, todos antigos e de boa qualidade,

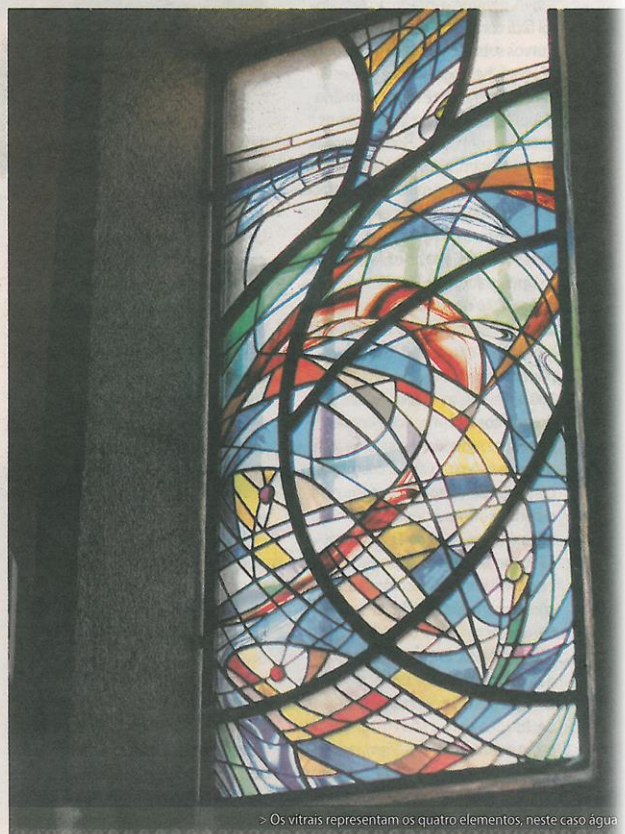


> A intervenção mexeu com toda a estrutura da igreja

com destaque para o das almas e as imagens da Senhora do Rosário, S. Domingos e S. Francisco, já referidas nas «Memórias paroquias de 1758». Também os azulejos são de grande valor, encomendados à fábrica Viúva de Lamego, em Lisboa. Os responsáveis quiseram preservar tudo o que era possível. Neste aspecto, um sublinhado ainda para um púlpito antigo, que tirava visibilidade às pessoas. Foi mantido o cachorro, que é o suporte do actual ambão, «a mesa da palavra», no conceito do Vaticano II.



> Toda a envolvente à igreja ficou a ganhar com as obras



> Os vitrais representam os quatro elementos, neste caso água

Centro Social de Curvos sonha com edifício novo

Uma das maiores ambições do Centro Social da Paróquia de Curvos é a construção de um edifício de raiz para albergar as valências que proporciona à freguesia. O terreno já está adquirido e o projecto foi candidatado ao PARES – Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais. Na primeira fase deste programa a candidatura não foi aprovada e, agora, na segunda fase, a direcção ainda aguarda uma resposta, no entanto é de esperar que o projecto não volte a passar. «Os resultados da segunda fase ainda não estão divulgados, mas eu concordo que há instituições muito mais necessitadas do que nós e, por isso mesmo, se nós não formos contemplados, pelo menos, ficamos com a consciência tranquila e o projecto fica lá, sabendo que é essa a nossa pretensão», afirma o padre Armindo Patrão de Abreu. Segundo o sacerdote, a candidatura apresentada prevê a construção de um mini-lar, com dez quartos para famílias carenciadas e necessitadas. «Enquanto isso não é possível, nós estamos a pensar em implementar o apoio ao domicílio, que não temos neste momento», acrescenta.

Para tal, explicou o pároco de Curvos, o Centro Social já tem na sua posse um projecto para ampliar as suas actuais instalações, «criando condições para ter uma sala, que será um centro de convívio dos idosos, e cozinhas que dêem respostas ao apoio domiciliário». «Acreditamos que vamos avançar com este projecto ainda este ano», disse.

Actualmente, o Centro Social da Paróquia de Curvos, que é a «menina dos olhos da freguesia e, especialmente do padre Armindo Patrão de Abreu, está especialmente vocacionado para a infância, possuindo creche, prolongamento do jardim de infância e ATL.

«Praticamente todas as crianças de Curvos passam por este centro. Diariamente comem aqui cerca de 125 pessoas, desde as funcionárias até às crianças da creche. Temos a creche, que tem capacidade para 36 crianças. Temos o prolongamento do jardim de infância, que tem capacidade para três dúzias de crianças. E temos o ATL, com capacidade para 40 crianças», explicou.

Uma das dificuldades que o Centro Social da Paróquia de Curvos enfrenta agora é precisamente a indefinição que todas as instituições particulares de solidariedade social enfrentam em relação aos ATL. «Nós não sabemos bem o que é que o Governo quer e estamos



> Centro Social de Curvos quer alargar valências à Terceira Idade



> Seneão do arco cruzeiro, com data de 1895



> Direcção do Centro quer ampliar as instalações

na expectativa. Mas eu creio que o Governo está a constatar que, afinal, andou talvez depressa de mais e está a querer voltar atrás», disse.

Instituição criada em 1948

Com 59 anos de actividade, o Centro Social da Paróquia de Curvos foi criado a 19 de Março de 1948, integrado no então projecto de "Obra das Mães pela Educação Nacional",

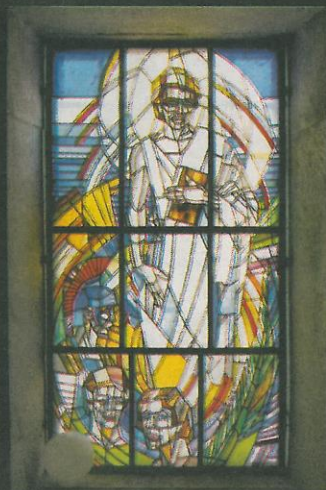
cujos principais objectivos eram estimular a acção educativa da família, cooperando com esta, com a escola e a comunidade; consciencializar as famílias das suas funções específicas; apoiar a sua missão educativa; e colaborar e cooperar com organismos que a nível nacional desenvolviam acções em ordem ao bem estar social, económico e cultural das famílias.

«Iniciou-se, deste modo, o Centro

de Curvos que foi solicitado pelo pároco da freguesia, tendo como primeira responsável a Assistente Familiar, Evangelina Lopes Proença, auxiliada por Maria Amélia Boaventura», recorda Armindo Patrão de Abreu no livro "Curvos – Esposende Esboço para a sua história". Segundo refere, o centro começou a funcionar numa casa alugada, que possuía seis divisões, e tinha um subsídio inicial de 400 escudos

mensais, proveniente da "Obra das Mães".

Inicialmente, a instituição intitulava-se Centro Rural de Curvos, passando depois a designar-se Centro de Formação Familiar de Curvos e, mais tarde, Centro de Educação Familiar de Curvos. Em Outubro de 1991, a titularidade do centro foi transferida para a Fábrica da Igreja, passando assim a ser o Centro Social da Paróquia de Curvos.



> Uma das obras de arte patentes na igreja de Curvos é o vitral que embeleza a janela grande da frente do templo e que retrata S. Cláudio, padroeiro da freguesia. O seu autor é o arquitecto Mendanha, de Forjaes.



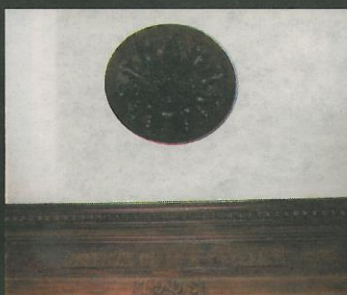
> O tecto da igreja de Curvos tem retratados os quatro evangelistas e, no centro, S. Cláudio. No último restauro, efectuado no século XX, houve a preocupação de manter e restaurar estas pinturas.



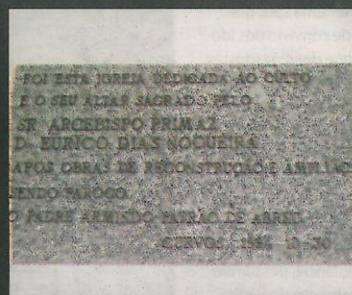
> Numa das torres da igreja de Curvos foi colocado um carrilhão, que foi oferecido à paróquia pelo padre Avelino Marques Peres Filipe, natural desta freguesia. Este carrilhão foi inaugurado no passado dia 12 de Julho.



> O Altar das Almas da igreja de Curvos foi feito e colocado no templo em 1882. Para perpetuar o mecenas da obra foi inscrito no altar: "O nosso patricio João Peres Affonço residente no Rio de Janeiro mandou fazer e dourar a sua custa este Altar das Almas no anno de 1882".



> O guarda vento da igreja de Curvos, todo feito em madeira, é uma obra do início do século XX, tendo sido uma oferta de um benemérito. Nele está inscrito "Offerta de M.A.P. Fellipe - 1908".



> À entrada da igreja de Curvos encontra-se a placa comemorativa do dia em que o templo foi sagrado após as grandes obras realizadas no início dos anos 90. A cerimonia foi, então, presidida pelo Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira.